

A vida na ponta dos dedos

Vemos, ouvimos, cheiramos, provamos e tocamos. São estes os sentidos que nos unem à vida. Mas, em tempos de pandemia, este último elo de ligação parece quase proscrito: o tacto, o toque, é coisa vigiada e perigosa. Vivemos cada vez mais à distância e, com isso, ficamos mais pobres. Como reagem as pessoas cuja vida está na ponta dos dedos?

LUÍS FRANCISCO *texto* **fotos** NUNO FERREIRA SANTOS, RICARDO LOPES E RUI GAUDÊNCIO





Os seres humanos têm só cinco sentidos: visão, audição, olfacto, paladar e tacto. Há animais que os têm mais desenvolvidos e apurados do que nós, e outros que acrescentam mesmo alguns à lista: muitas víboras têm visão térmica, os tubarões captam as vibrações na água através de uma linha de sensores ao longo do corpo, vários animais migratórios conseguem orientar-se pelo campo magnético da Terra. Não somos, por isso, a máquina mais perfeita da natureza. E agora ainda menos. Por causa da pandemia, há um sentido que nos está a ser sonogado: o tacto. Conseguimos viver sem toque, sem os pequenos gestos e a proximidade que nos definem como espécie social?

O tacto é a mais secreta, misteriosa e profundamente pessoal das pontes que nos ligam ao mundo - e isto, apesar de a pele ser o maior órgão do corpo humano... Por isso, haverá provavelmente tantas respostas diferentes para esta questão como pessoas a bordo da esfera azul que ocupa a terceira órbita a contar do Sol. Escolhemos ouvir alguns daqueles cuja vida está assente na importância do toque, nesse sentido que durante tanto tempo desvalorizámos, até descobrirmos agora como nos faz falta. Às vezes até para lá do que as palavras conseguem exprimir.

“Nem consigo explicar a importância do tacto”, começa por confessar Tiago Martins, praticante de escalada e proprietário do Vertigo Climbing Center, em Lisboa. Mas depois ganha ânimo: “É tudo. Mais até do que a visão, o tacto é fundamental para a escalada. Podemos mesmo dizer que este é um desporto para cegos... É importante visualizar o que vamos agarrar e os nossos movimentos. Mas, mais do que isso, é sentirmos a orientação, a dimensão, a textura das pegas, a forma como temos de usar os dedos. O tacto até nos indica a humidade, um factor fundamental para definir o grau de dificuldade de uma escalada.” É um sentido tão primordial que Tiago garante ser capaz de reconhecer um escalador só de olhar para as suas mãos, musculadas e normalmente com feridas – uma consequência pouco abordada é a dificuldade para tirar o cartão de cidadão: o desgaste constante da pele na ponta dos dedos pode complicar o reconhecimento das impressões digitais.

Outro dos desportos em que as mãos são indispensáveis é o voleibol. É Bernardo Martins, jogador do Castelo da Maia, junta a esta actividade a profissão de fisioterapeuta. Garante que no vôlei o que mudou foi o contacto físico entre adversários, que deixaram de se cumprimentar em campo (dentro da equipa, continuam a juntar-se após cada ponto para se apoiarem) e até tem a noção de que o seu trabalho, enquanto fisioterapeuta, “não



Mário Rolando é padeiro e faz vida de pôr as mãos na massa. “É preciso sentir o pão”, justifica, acrescentando como amassar pode ser terapêutico

foi prejudicado”: “O tacto é importante, claro, na relação com o paciente. Mas não senti que haja reservas em relação ao toque.”

Joana Garcia, gerente da Queijaria do Monte da Vila, em Arraiolos, garante que na sua actividade não há volta a dar: “O nosso queijo é artesanal, tem de ser moldado, virado, cheirado, sentido. O tacto é fundamental.”

Mário Rolando, padeiro, também faz vida de, literalmente, pôr as mãos na massa. “É preciso sentir o pão”, explica. E a massa até tem efeitos terapêuticos, garante: “Alivia a tensão, como aquelas bolas de borracha. Até já tivemos um projecto, que depois infelizmente não avançou, para pôr os idosos dos lares a amassar pão; só lhes fazia bem, física e mentalmente... O mesmo acontece com as crianças, é uma plasticina viva, ficam deliciosas.”

Enfim, há todo um conjunto de actividades profissionais em que o tacto é incontornável. “Sem as mãos, ninguém se governa neste negócio”, sentencia, no seu sotaque alentejano cantado, Octávia Ribeiro, 73 anos, mentora da Salsicharia Canense, que produz enchidos na aldeia do Cano, concelho de Estremoz. “Neste trabalho é tudo feito à mão. A lavagem da tripa, o enchimento, dispor o fumeiro...” Porque até há máquinas que permitem poupar dinheiro e esforço, mas nada substitui o toque humano. “Os nossos enchidos são feios, não são bonitos como os que são feitos nas máquinas, mas só usando as mãos se consegue que as coisas saiam perfeitinhas.”

Haja quem nos alimente o corpo. Mas também a alma. “É com os dedos que passo a minha música às pessoas, a forma como pressiono as cordas com os dedos da mão esquerda, como as acaricio e faço gemer com a mão direita”, analisa, quase em devaneio, a guitarrista Marta Pereira da Costa. “A guitarra é um prolongamento de mim, sinto-a como uma coisa física. E anda sempre comigo. Já fui de férias para o Vietname e levei-a na viagem. Mesmo que depois não toque tantas vezes como pensava, preciso de saber →



Para Octávia Ribeiro, de 73 anos, da Salsicharia Canense, que produz enchidos na aldeia do Cano, concelho de Estremoz, nada substitui o toque humano

que ela está ali.” Francisco Sasseti teria mais dificuldades para carregar o piano pelo mundo fora, mas o instrumento também está sempre presente na sua vida. Vive, por isso, um período “complicado”. Mas, afinal, tirou destes tempos uma descoberta: a bricolagem. “Durante décadas, trabalhei de sol a sol. Agora, com a obrigatoriedade de estar em casa, acabei por explorar coisas novas. O que fazia com as mãos no piano passei a fazê-lo na decoração da casa: pintar, tratar madeira, muitas coisas que me abriram horizontes.”

Saudades de um abraço

Já se viu que há actividades e paixões que não dispensam o uso das mãos, o toque nas coisas ou nas pessoas, o sentido do tacto em tudo o que ele representa de sensações, emoções e conhecimento. Mas até as pessoas que vivem a vida na ponta dos dedos precisaram de fazer concessões nestes tempos difíceis. E a mais difícil, certamente, foi a de respeitar a distância física em relação a entes queridos.

“Do que tenho mais saudades é de dar um beijo ou um abraço aos meus avós. E sei que também para eles isso era importante. Eles sentem muito a falta de contacto físico com os netos: os beijos, os abraços, as brincadeiras; a presença dos netos era um factor de alegria, agora noto que há uma tristeza...” Bernardo Martins não está sozinho nesta preocupação com os seniores da família. “A minha mãe tem 90 anos”, conta Francisco Sasseti. “Com ela evitamos o toque, a proximidade, fazemos visitas mais espaçadas.”

Há histórias mais difíceis do que outras. Marta Pereira da Costa não abraça os pais há quase um ano. “O meu pai teve o sexto cancro no início da quarentena. É uma pessoa de alto risco, temos todo o cuidado. Visito-os, conversamos, mas falta aquele toque. Se calhar, na altura em que o podíamos fazer, nem prestávamos atenção, mas agora sinto muito essa falta.” A guitarrista também tem saudades de outro tipo de contacto, mais emocional: “Sinto imenso a falta de tocar ao vivo, de me emocionar com o público. Trabalhar em casa é completamente diferente de tocar ao vivo, de chegar às pessoas através da música. A emoção que passa nesses momentos não se descreve com palavras.”

Octávia Rebelo tem um filho, “habituaado a despedir-se com um beijinho”, mas agora isso parou. “É para me proteger”, assume, antes de falar do neto, enfermeiro, que não vê há muito tempo: “A última vez foi há uns três meses, mas nem chegámos a tocar-nos.” Mesmo para quem partilha o agregado familiar há cuidados que são indispensáveis. Mário Rolando: “A minha mulher é professora, quando chega a casa temos de esperar para nos abraçarmos, para um beijo. Ela esteve





“

Do que tenho mais saudades é de dar um beijo ou um abraço aos meus avós. E sei que para eles isso era importante

Bernardo Martins

com muitas pessoas, temos de reprimir esse desejo de nos tocarmos imediatamente.”

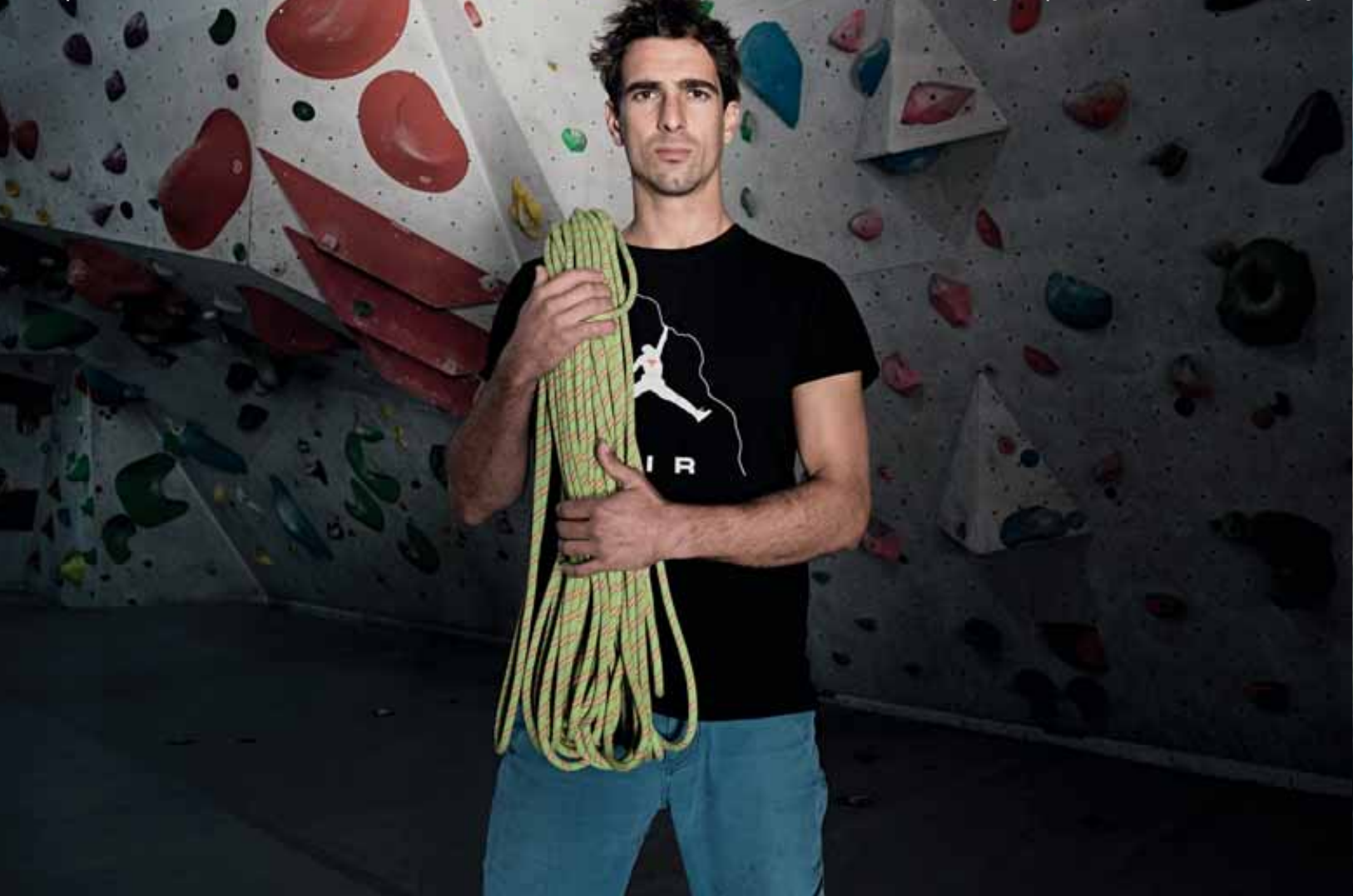
Joana Garcia tem muitas saudades de abraçar e beijar os pais, que também não contactam fisicamente com os netos. “Eu e os meus filhos tentamos compensar em casa, estamos muito mais próximos do que antes. Isso ajuda-me. Em termos profissionais estou a sofrer, mas em termos humanos não.” O que fica sempre é a dor de ver os mais idosos infelizes por causa da falta de carinho físico. Para Tiago Martins essa ferida é ainda maior quando pensa que os seus avós, “de 90 anos”, podem estar a viver “os últimos anos, quem sabe meses”, das suas vidas. “Sentem muito a falta de abraços, de estarmos à mesma mesa, é difícil.”

Na vida profissional, Tiago enfrenta condicionalismos que vão muito para além da restrição de lotação do seu ginásio, onde as pessoas, agora, e ao contrário do que é habitual, não se tocam. “Talvez por ser escalador, sou muito uma pessoa de toque, de tocar para

ver. Nós usamos as mãos para tudo. Com os clientes, às vezes temos de pegar na mão de uma pessoa para lhe mostrar como se agarra uma pega, agarrar a anca para ensinar como girar. É como uma dança; somos coreógrafos que ensinam a otimizar o movimento. Não é uma questão de força, é técnica. E é na mão que tudo se decide.”

O mesmo podia dizer Mário Rolando, que recorda uma história: “Houve uma altura em que obrigaram a pôr grades que nos impediam de tocar na massa. O engenheiro Vítor Moreira, que me ensinou muito, andava sempre com uma serra de metal e cortava um cantinho, para podermos lá meter a mão... Hoje as grades já vêm com esse orifício.” E, uma vez que está lançado, aproveita para deixar mais uma dica, esta em jeito de argumento final sobre a importância do tacto. “O gesto de esfregar o polegar e o indicador para indicar dinheiro vem do tempo em que a pessoa passava a farinha pelos dedos quando a ia buscar ao moleiro, para saber se esta- ➔

O pianista Francisco Sassetti aproveitou a pandemia para “abrir horizontes”: as suas mãos experimentarão coisas novas como a bricolagem



O desportista Tiago Martins considera que o tacto, mais do que a visão, é “fundamental” para fazer escalada

A guitarrista Marta Pereira da Costa aproveitou a pandemia para estar mais presente na vida dos filhos, de 11 anos

va fina. É que o salário era pago em grãos de cereal e estava ali o sustento da família.”

Era inevitável que se chegasse ao dinheiro – porque uma pandemia tem o avassalador efeito colateral de esmagar a economia e afectar o rendimento de muitas famílias. Quando há uma reserva, a guitarrista defende que o melhor mesmo é aproveitar o lado bom: “A minha vida mudou totalmente. No ano passado, mal parei em casa, estava às três semanas seguidas fora, a adrenalina, o stress sempre em alta. Agora parece que o tempo parou. Tenho dois filhos, de 11 anos, e estou muito mais presente na vida deles, tem sido especial. Estou feliz, neste momento tão estranho em que não toco, não viajo, não partilho a música, todas essas coisas que me fazem ser quem sou.”

Francisco Sassetti perdeu alguns concertos, mas, como dá aulas em duas escolas, manteve uma boa fatia dos rendimentos e aproveitou para dar mais tempo à família e a si próprio. No seu caso, com a mágoa de, durante o confinamento, ter passado três semanas sem estar com os filhos, que vivem com a ex-mulher. Por outro lado, teve sempre o conforto da sua família actual. “Estive com a minha mulher e as minhas duas enteadas, que têm 4 e 8 anos. Na verdade, há

muito tempo que não tinha tanto contacto com crianças – os meus filhos têm 17 e 20 anos.” Juntos descobriram as maravilhas da bricolagem.

E agora o futuro

De todas estas vivências, com o seu rol de dificuldades e alguns aspectos positivos pelo meio, fica a certeza de que estamos a viver tempos que podem marcar-nos para o resto da vida. Numa altura em que se fala cada vez mais de vacinas, a covid-19 poderá ser, no prazo de meses, talvez um ano, algo que ficou para trás, apenas um episódio doloroso das nossas memórias. Mas será que continuará a afectar quem somos e como somos? Aprendemos alguma coisa? Há mudanças nas mentalidades e nos comportamentos que são para ficar?

Bernardo Martins, que se assume como um tipo reservado no contacto físico com pessoas que não lhe são próximas, espera que alguns comportamentos possam mudar. “Desejo, com algum optimismo, que o toque com quem nos é próximo possa normalizar-se, mas que as pessoas se consciencializem de que é bom manter alguma distância para os estranhos, que não é preciso chegar a uma festa de ani-



versário e andar aos beijos a toda a gente.”

Curiosamente, quando pensa no pós-pandemia, Mário Rolando imagina um cenário completamente diferente: “Agora desconfiamos todos uns dos outros e isso é triste, porque a confiança é uma coisa humana. Mandamos abraços, mas não os damos. É quase uma promessa, fica no ar, não se cumpre. Mas, quando tudo passar, tenho esperança de que vai acontecer qualquer coisa do tipo do que se conta no romance *O Perfume*, quando os odores saem e há uma espécie de deslumbramento colectivo. Assim uma espécie de Maio de 68.”

Para alguns, será apenas o regresso à normalidade, o fim de um pesadelo. “Sou muito física, de contacto, de miminhos. Gosto de tocar nas coisas, no piano e na guitarra, claro, mas também nos lençóis, no tampo de uma mesa de madeira, em tudo. Sou uma pessoa de toque.” Para Marta Pereira da Costa, o futuro será o tempo de voltar a ser quem é. Mário Rolando revê, em tom sonhador, o momento de “ter uma massa nas mãos, sabendo que era um conjunto de ingredientes separados e o que se vai tornar depois de tudo funcionar como deve ser”.

Mais sonhadores ou mais pragmáticos, todos antevêm alguma mudança. Joana Garcia

acha que tudo aquilo por que estamos a passar abriu as mentalidades. “Há mais gente que aceita e aprecia as características dos produtos artesanais, tenho agora mais clientes do que tinha, embora com menor volume de vendas – quando se fecham restaurantes, afecta-se toda uma cadeia de fornecedores. O paradigma mudou. Quer dizer que, quando desconfinarmos, o meu produto será mais conhecido do público em geral. Acho que esse é um lado positivo. As pessoas habituaram-se a dar valor ao que é genuíno e humano, feito com amor. Nos queijos, nos produtos e na vida em geral.”

Porque, no fim, estamos sempre a falar das pessoas. Com desejos tão simples e puros como o expressado por Octávia: “Sou muito humana, gosto do convívio. Quando isto acabar, espero que o negócio melhore, mas o que quero mesmo muito é voltar a estar com a família.” Já a visão de Francisco Sasseti é mais filosófica: “Foi muito importante esta pausa. Foi bom ter tempo para pensar. É como estar à beira da morte e valorizar a vida. Tive tempo de ir à praia, em locais isolados, passear, respirar. A pessoa dá por si a pensar que tem de gozar a vida, tudo pode acabar amanhã.”

Ainda assim, o mundo não se muda →

“

Estou feliz neste momento tão estranho em que não toco, não viajo, não partilho a música, todas essas coisas que me fazem ser quem sou
Marta Pereira da Costa



Joana Garcia é gerente da Queijaria do Monte da Vila, em Arraiolos, e garante que as mãos são imprescindíveis para moldarem os queijos



num dia e as mentalidades podem demorar ainda mais tempo a fazê-lo. “A vida não pára”, avisa Francisco, ciente de que, para se sobreviver na sua área, a da cultura, especialmente nas grandes cidades, “não se pode ter só um emprego”. “No futuro”, completa, “idealmente trabalharia menos, mas com quatro filhos para sustentar...” Marta, provavelmente, voltará a ter de passar temporadas fora de casa; Bernardo voltará a enfrentar algum contacto físico pouco desejado de pessoas que conhece mal; Tiago terá ainda mais trabalho no ginásio quando puder voltar a aumentar a lotação do espaço; Octávia verá entrar mais gente pela porta do seu estabelecimento e até recordará com alguma nostalgia os momentos em que tinha tempo para falar ao telefone com um jornalista.

Acariciando teclas de piano ou cordas de guitarra, amassando pão, criando queijos ou enchidos, mantendo uma bola no ar ou segurando-se em equilíbrios que desafiam a gravidade em três ou quatro milímetros de rocha, a verdade é que a vida vai continuar. E se, por agora, estamos condicionados a não a sentir tanto quanto gostaríamos na ponta dos dedos, outros tempos virão – porque a pulsão humana pela vida é uma coisa de pele.